



**12º SIMPÓSIO  
DE SUSTENTABILIDADE**

21 - 22 - 23  
OUTUBRO - 2025



## **IMPORTÂNCIA DO PROJETO URBANÍSTICO DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA NA CONSAGRAÇÃO DO URBANISTA LÚCIO COSTA, E A SUA INFLUÊNCIA NO URBANISMO NACIONAL**

BORDIGNON, Bruna De Melo<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Thiago Jhulhan Estaidel<sup>2</sup>  
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho pretende abordar um dos pioneiros da arquitetura modernista no Brasil Lúcio Costa, e seu mundialmente reconhecido projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília. Projeto consagrado pelo qual recebeu convites para coordenar vários planos urbanísticos no Brasil e no exterior. Sendo o trabalho do arquiteto, especialmente entre os anos de 1930 e 1960, essenciais para inserir a arquitetura como manifestação cultural do país e contribuir para a estruturação do movimento moderno no Brasil. Brasília continua necessitando de um maior entendimento a começar, pelo processo que desencadeou sua construção. Só assim, poderemos preservá-la na forma devida; prepará-la para o futuro; e utilizar seus ensinamentos. A obra completa de Lúcio Costa, portanto, deveria ser objeto de estudo constante. O que ele nos deixou como legado está, na realidade, muito além de sua produção, que estendida às suas reflexões, pode ser convertida em ensinamentos atemporais com utilidade em qualquer lugar, onde o bem-estar do homem seja o principal fim. Lúcio Costa foi Arquiteto: tecnicista e humanista.

**PALAVRAS CHAVE:** modernismo, plano piloto de Brasília, urbanismo.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende abordar um dos pioneiros da arquitetura modernista no Brasil Lúcio Costa, e seu mundialmente reconhecido projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília. Projeto consagrado pelo qual recebeu convites para coordenar vários planos urbanísticos no Brasil e no exterior.

Sendo o trabalho do arquiteto, especialmente entre os anos de 1930 e 1960, essenciais para inserir a arquitetura como manifestação cultural do país e contribuir para a estruturação do movimento moderno no Brasil. Em 1924, durante uma viagem a Diamantina (MG), Lúcio Costa observou a pureza e a simplicidade da arquitetura do período colonial, bem diferente dos projetos que fazia.

Cinco anos depois dessa viagem, mudou radicalmente o rumo de sua atuação profissional, rompendo com o movimento neocolonial e procurando a linguagem plástica correspondente à tecnologia construtiva do seu tempo.

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista graduada no Centro Universitário FAG. E-mail: [bru-bordignon@hotmail.com](mailto:bru-bordignon@hotmail.com)

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista Graduado pelo Centro Universitário FAG E-mail: [tj\\_staidel@hotmail.com](mailto:tj_staidel@hotmail.com)

<sup>3</sup> Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional. Professor Orientador. E-mail: [eduardo@fag.edu.br](mailto:eduardo@fag.edu.br)



Propôs-se como pergunta norteadora: qual a importância do projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília na consagração do urbanista Lucio Costa, e a sua influência no urbanismo brasileiro.

Visando responder ao problema proposto, constitui-se como objetivo geral levantar a relevância urbanística de Lucio Costa no Brasil buscando ressaltar sua obra de maior importância, bem como entender porque de sua consagração. Como objetivos específicos salientar a relevância do urbanista sobre a arquitetura e o urbanismo no âmbito nacional, de sua época ao período atual; estudar as influências e referências utilizadas na criação dos projetos do urbanista; ressaltar a importância do projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília na consagração do arquiteto Lucio Costa.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (2007, p. 15), a pesquisa “é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Além disso, a pesquisa é um processo de sistematização, não apenas de confirmação ou reestruturação de dados já conhecidos; exige comprovação e verificação. Já para Gil (1999, p. 42), a pesquisa é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo principal da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Nesse sentido, considera-se que esse trabalho se justifica por tentar ressaltar a importância do arquiteto para o país.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Filho do engenheiro naval baiano Joaquim Ribeiro da Costa e da amazonense Alina Ferreira, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa nasceu em Toulon, na França, no dia 27 de fevereiro de 1902. Devido às atividades oficiais de seu pai, que era almirante, morou em diversos países, entre os quais Inglaterra e Suíça. Retornou ao Brasil em 1917 e, no ano seguinte, foi matriculado por seu pai na Escola Nacional de Belas Artes. [...] O curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes ainda aplicava um programa neoclássico de ensino. Lúcio Costa praticou, então, a arquitetura neoclássica durante seus primeiros anos de trabalho, defendendo, em certos momentos, uma arquitetura neocolonial. A partir da influência de Le Corbusier, Lúcio Costa rompeu com esse estilo. Fez também parceria com o arquiteto ucraniano Gregori Warchavchik, que construiu a



primeira residência considerada moderna no Brasil. Lúcio Costa foi Doutor [...] Causa pela Universidade de Harvard e sócio honorário de instituições profissionais de vários países, entre as quais: Académie D'Architecture, na França; Royal Institute of British Architects; e American Institute of Architects. Em 1970, recebeu do então presidente da França, George Pompidou, a maior honraria do governo francês: a Legião de Honra, no grau de “Commandeur”. Apesar de todos esses títulos, Lúcio Costa contou, em sua última entrevista, concedida ao Correio Braziliense, em outubro de 1997, que não chegou a ganhar o título de Cidadão de Brasília.

O projeto do Plano-piloto, como não poderia deixar de ser, é o mais destacado em toda a trajetória de Lúcio Costa, não só pelo tamanho e função, mas por ser a síntese de sua vivência na prática. Quando ele diz que a proposta enviada para o concurso internacional de projetos para a construção da nova capital, foi, na realidade, uma maneira de desvencilhar-se de uma ideia, em verdade, é o resumo de um conhecimento acumulado, representado por croquis e traduzido em texto, com contexto atemporal e pensamento convergente ao urbanismo praticado na época. Com efeito, ele só poderá ser entendido se esse fato for devidamente relevado. Na arquitetura, o objeto nunca está dissociado dos fatores: tempo e espaço.

Pode-se definir arquitetura como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa. (COSTA, 1995, p. 49)

Uma cidade sempre é fruto de um processo econômico e social e, por conseguinte, nasce, de uma vontade política, afastando qualquer possibilidade de que ela seja consequência de um fato que acontece de forma casual. Na transição para uma política baseada no capitalismo industrial, surgiram áreas urbanas cuja vida social distanciaria, gradativamente, o homem do campo. Nelas, tornava-se comum o surgimento de bairros eminentemente residenciais, tanto para os proletários quanto para as classes operárias, que detinham os meios de produção.

As condições das moradias da classe operária, em uma realidade cada vez mais urbana, levaram a uma discussão sobre o planejamento de uma cidade ideal, considerando esse novo ambiente econômico e social. Surgiu então, o que se pode ser denominado como um pré-urbanismo cuja pesquisa resultaria em conceitos e, mais tarde, projetos utópicos para novas cidades. As concentrações urbanas passaram a ser objeto de estudo por profissionais de outras áreas, como, por exemplo, os da medicina. O urbanismo transformou-se em tema de discussão entre os arquitetos em um segundo momento. (HASSENPLUG, 2007, p. 122)

As praças que antes eram espaços de encontro, a partir do capitalismo industrial, passam a ser locais, primordialmente, de passagem. Parques foram criados para proporcionar melhor qualidade



de vida – um pedaço do campo nas cidades ou o pulmão das cidades. O urbanismo, com efeito, nasce como área do conhecimento, sobretudo, calcado em uma necessidade de caráter profilático.

Quando Lúcio Costa disse, certa vez, que o bom urbanista deveria ser aquele que coloca um pouco da cidade no campo e um pouco do campo na cidade, ele estava, na realidade, apropriando-se do pensamento de Soria (criador da Cidade – linear): "Realizar la vida urbana; urbanizar el campo". Tal fato comprova que o projeto para o Plano-piloto é simbiótico, ao procurar fundir pensamentos urbanísticos de um período, como os da Cidade – linear, Cidade – jardim e alguns dos princípios da Carta de Atenas. (CARPINTERO, 1998, p. 33)

Para o entendimento da divisão da cidade em duas escalas – Residencial e Monumental – deve-se entender, inicialmente, o conceito de escala: o resultado da comparação, considerando a questão dimensional, entre dois objetos. Em segundo lugar, entender que os eixos estruturadores do Plano-piloto – um para cada escala – foram implantados de forma a proporcionar uma relação entre elas e, como consequência, reforçar os seus conceitos morfológicos.

O eixo residencial representa a individualidade do homem, onde ele possa viver com boa qualidade, possibilitando-o de usufruir, na forma plena, dos momentos de descanso e do convívio social mais íntimo. As superquadras foram implantadas no sentido da curvatura das curvas de nível, com o gabarito máximo de seis pavimentos, permitindo que as copas das árvores e as coberturas dos edifícios estivessem, invariavelmente, em uma altura relativamente próxima umas das outras. A superquadra é uma das faces humanas da cidade as quais os críticos mais contumazes, por uma capacidade limitada ao intransitivo, não conseguem vislumbrar.

Já o eixo da chamada escala monumental, que abriga os marcos e os principais edifícios institucionais é a espinha do dorsal da malha e representa a dimensão coletiva – sabiamente implantado perpendicularmente às curvas de nível. Na extremidade leste do Eixo Monumental, está a Praça dos Três Poderes, contrariando o posicionamento mais central das praças, em outras cidades. Uma das hipóteses para a escolha da sua localização é a preocupação com a segurança. Sem embargo, a morfologia denuncia, como sendo a preponderante, a expressão simbólica desejada por Lúcio Costa. Ela está face a face com o cerrado ou, em suas próprias palavras: a mão de um braço, que toca o coração do país. A Praça dos Três Poderes é a continuidade da área urbanizada, sem incorporar o papel de um elemento estruturador - os cidadãos têm como palcos da vida social pública os outros centros da cidade: o Setor Comercial Sul e a Plataforma Rodoviária – a convergência dos eixos.

No que diz respeito à temporalidade social, deve-se considerar ainda que a construção de Brasília é o resultado de um processo de ocupação do interior do Brasil, anterior ao



desencadeado no período JK. A vontade de mudar a capital é antiga e foi formalizada pela constituição outorgada de 1891. Esse deslocamento para o oestesignificaria a quebra de uma inércia relativa à ocupação portuguesa próxima ao litoral – mentalidade bem diferente da dos colonizadores de Castela, na outra metade da América do Sul, como nos foi demonstrado no livro de Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil. (HASSENPLUG, 2007, p. 127)

O projeto de integração do país por intermédio de rodovias apressou a construção de uma nova capital e, como bem se sabe, a mentalidade desenvolvimentista era a principal característica do período JK cujo carro-chefe era a indústria automobilística. Para Lúcio Costa a industrialização significava a própria redenção da sociedade, levando-a criar, de forma intencional, uma cidade que viria a privilegiar o deslocamento por automóveis. Os dois trechos utilizados abaixo comprovam o envolvimento de Lúcio Costa com o pensamento da época.

Quando não desvirtuado pelos artifícios e equívocos da propaganda comercial e da especulação ideológica, o desenvolvimento científico e tecnológico, além de libertar o homem da fome e da indigência, cria condições capazes de livrá-lo igualmente da vulgaridade e da sofisticação, esses dois extremos que é levado pelas contingências da falsa hierarquia social, e de o reconduzir àquela vida autêntica, simples, densa e natural, sensível e inteligente, digna verdadeiramente da sua condição. Por onde se comprova ser a industrialização intensiva a base mesma de um novo humanismo. [...] Brasília não é um gesto gratuito da vaidade pessoal ou política, à moda da Renascença, mas o coroamento de um esforço coletivo em vista ao desenvolvimento nacional – siderurgia, petróleo, barragens, auto-estradas, indústria automobilística, construção naval; corresponde assim à chave de uma abóbada e, pela singularidade da sua concepção urbanística e de sua expressão arquitetônica, testemunha a maturidade intelectual do povo que a concebeu, povo então empenhado na construção de um novo Brasil, voltado para o futuro e já senhor do seu destino. (COSTA, 1995, p. 65)

Um dos princípios da Carta de Atenas apropriados por Lúcio Costa, foi o da eliminação dos cruzamentos de vias, graças à utilização de mudanças de nível. Objetivou-se, com esse recurso, facilitar o trânsito de veículos, evitando o desgaste da máquina com excesso de paradas. É possível percorrer todo o Plano-piloto sem nenhum cruzamento de vias em função da tensão de sua malha. O Eixão, que corta a cidade de ponta a ponta, dividindo a área residencial no sentido transversal, além de ser uma das avenidas principais da cidade, é uma rodovia federal.

Brasília é utilizado por Sennett, para mostrar como o privilégio dado ao automóvel, desvirtuou a função das ruas que deixaram de servir como local de permanência e encontro, como acontece nas cidades tradicionais. O homem que, agora, mora em um lugar urbano e bucólico ao mesmo tempo, encontra-se colocado face a face com a ameaça de viver de forma oculta – fato que nos mostra uma face menos humana da cidade. Da Carta de Atenas, empresto este trecho, para mostrar a atenção dada à circulação de veículos, pelo pensamento corbusiano:

Os veículos em trânsito não deveriam ser submetidos ao regime de paradas obrigatórias a cada cruzamento, que torna inutilmente lento seu percurso. Mudanças de nível, em cada via transversal, são o melhor meio de assegurar-lhes uma marcha contínua. Nas grandes vias de



circulação e a distância calculadas para obter o melhor rendimento, serão estabelecidas interligações unindo-as às vias destinadas à circulação miúda. (LE CORBUSIER, 1993, p. 98.)

Diferentemente das outras ideias, a de Costa propunha que a nova capital deveria, em sua morfologia, conformar-se à paisagem – a horizontalidade e a topografia deveriam ser seus elementos compositivos – cidade e a paisagem natural fundiriam-se como resultado de um magnífico entendimento do *genius loci*. Estética e função confundem-se, dando ao projeto um caráter ético. O fato de que o mundo, não o quantificado, mas sim, o percebido é considerado perfeito por causa da interação de seus elementos de uma forma dinâmica e harmoniosa, torna a busca pelo belo na obra arquitetônica uma atitude tanto imperativa quanto ética, para o arquiteto.

Por intermédio da síntese das teorias do pensamento moderno sobre o urbanismo, somada ao repertório de experiências urbanas de Costa, como vimos anteriormente, o projeto para o Plano-Piloto desmente o fato de que o caráter simbólico não deveria fazer parte da cidade moderna. O Congresso Nacional é colocado como elemento articulador entre a Praça dos três Poderes e o resto da área urbanizada. Para o coroamento dos plenários, Costa utilizou um antigo arquétipo: a mimetização do cosmos através da cúpula. (CORNELL, 1988, p. 27)

A morfologia juntamente com o forte apelo simbólico transmitido pelas intenções volumétricas explicitadas, particularmente, para os edifícios institucionais, são, certamente, a razão de uma expressividade inelutável – tradutora da esperança que o arquiteto compartilhava com seus contemporâneos, de um futuro melhor para o país que viria após a construção da nova capital. Paolo Portoguesi, na obra “Depois da arquitetura moderna”, explicita uma de suas divergências com o pensamento moderno:

Na sua tendência para a simplificação, para a nudez, a arquitetura moderna tirou à forma o seu valor simbólico e transferiu-o, ao contrário, para a matéria. (PORTOGUESI, 1985, p. 29.)

Brasília continua necessitando de um maior entendimento a começar, pelo processo que desencadeou sua construção. Só assim, poderemos preservá-la na forma devida; prepará-la para o futuro; e utilizar seus ensinamentos. A obra completa de Lúcio Costa, portanto, deveria ser objeto de estudo constante. O que ele nos deixou como legado está, na realidade, muito além de sua produção, que estendida às suas reflexões, pode ser convertida em ensinamentos atemporais com utilidade em qualquer lugar, onde o bem-estar do homem seja o principal fim. Lúcio Costa foi Arquiteto: tecnicista e humanista.

As superquadras são ocupadas de uma forma bem diferente da maneira imaginada por Costa: pessoas de distintas classes sociais vivendo porta a porta. O urbanismo, assim como as leis, é



**12º SIMPÓSIO  
DE SUSTENTABILIDADE**

21 - 22 - 23  
OUTUBRO - 2025



incapaz de eliminar determinados vícios da vida social. Sem embargo, os equívocos estéticos são tradutores fiéis das doenças que afligem a sociedade. O arquiteto é, também, um construtor de símbolos, transmissores de valores convencionados pela sociedade cuja atividade deve ter uma perspectiva direcionada para uma crítica comprometida com a realidade de sua época. A sua relação, conflitante ou não, com o poder, como consequência, torna-se fundamental tanto quanto inevitável.

*A cidade é o mais democrática possível. É um cacoete chamarem a cidade de autoritária. Não tem justificativa. A cidade tem um espírito aberto. Eu já disse que a Praça dos Três Poderes é a Versalhes do povo [...] é bom sinal o urbanismo funcionar bem num governo de direita ou de esquerda. O bom urbanismo está acima das ideologias. Pode ocorrer tanto num sistema político autoritário quanto num liberal. Tudo depende dos profissionais responsáveis. Se eles são submissos a caprichos políticos, então são irresponsáveis. O verdadeiro urbanismo está acima da direita e da esquerda. (COSTA, 1995, p. 41)*

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do arquiteto Lúcio Costa, especialmente entre os anos de 1930 e 1960, foram essenciais para inserir a arquitetura como manifestação cultural do país e contribuir para a estruturação do movimento moderno no Brasil.

Brasília continua necessitando de um maior entendimento a começar, pelo processo que desencadeou sua construção. Só assim, poderemos preservá-la na forma devida; prepará-la para o futuro; e utilizar seus ensinamentos.

A obra completa de Lúcio Costa, portanto, deveria ser objeto de estudo constante. O que ele nos deixou como legado está, na realidade, muito além de sua produção, que estendida às suas reflexões, pode ser convertida em ensinamentos atemporais com utilidade em qualquer lugar, onde o bem-estar do homem seja o principal fim. Lúcio Costa foi Arquiteto: tecnicista e humanista.

### REFERÊNCIAS

CARPINTERO, A. C. **Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998.** 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) São Paulo, USP-FAU.

CHING, F. D. K. **Forma, espaço e ordem.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

CORNELL, Elias. **A arquitetura da relação: cidade campo.** Brasília: Edições Alva, 1998



**12° SIMPÓSIO  
DE SUSTENTABILIDADE**

21 - 22 - 23  
OUTUBRO - 2025



COSTA, L. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1995

HASSENPLUG, D. **Sobre centralidade urbana.** 2007. Disponível em: [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br)  
Acesso em: 11/10/2022

LE CORBUSIER. **A carta de Atenas.** São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993

PORTOGUESI, P. **Depois da arquitetura moderna.** Lisboa, Edições 70, 1985.